



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS-LITERATURAS

RENATA DE FREITAS SANTOS

**A Presença da Literatura Feminina no Ensino Básico**

**MONOGRAFIA**

**RIO DE JANEIRO**

**2022**

**RENATA DE FREITAS SANTOS**

**A PRESENÇA DA LITERATURA FEMININA NO ENSINO BÁSICO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte das  
exigências para obtenção do título de licenciada em  
Letras-Literaturas.

Orientadora: Ana Crelia Penha Dias

**RIO DE JANEIRO**

**2022**

*“O professor é, naturalmente, um artista, mas ser um artista não significa que ele ou ela consiga formar o perfil, possa moldar os alunos. O que um educador faz no ensino é tornar possível que os estudantes se tornem eles mesmos”. Paulo Freire*

## AGRADECIMENTOS

*Primeiramente, quero agradecer a Deus pois sem Ele absolutamente nada seria possível. Agradeço aos meus pais e irmã por todo apoio e cuidado que tiveram comigo ao longo desses anos, me fazendo acreditar que sou capaz. Agradeço ao meu noivo que me deu suporte emocional nos momentos difíceis. Agradeço a todos os amigos que fiz durante esse duro e árduo percurso, especialmente à Anna Luiza que foi meu maior suporte nesses últimos tempos e à Carol, Evelyn, Luiza e Georgia que fizeram os períodos serem mais alegres e leves. Agradeço especialmente à minha orientadora Ana Crelia por toda paciência e ajuda nessa fase tão crítica de Tcc. Por fim, agradeço a todos que estiveram comigo nessa longa jornada e que me fazem sentir acolhida e amada todos os dias, tendo a certeza que se cheguei até aqui não é por mérito só meu, mas também deles. “Não to mandei eu? Sê forte e corajoso; não temas, nem te espantes, porque o SENHOR, teu Deus, é contigo por onde quer que andares.” Js 1.9*

## RESUMO

A educação no Ensino Básico possui diversas problemáticas, entre elas a escassez da literatura feminina no cânone brasileiro. Sua presença é vista apenas no primeiro segmento da educação básica, reforçando o estereótipo da mulher ter relevância somente na parte mais maternal. Dessa forma, essa pesquisa tem por objetivo revelar como ainda no século XXI existe uma padronização branca, ocidental, européia e masculina que predomina a educação brasileira, especialmente no âmbito literário do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Trazendo assim, questionamentos de como isso afeta e continuará afetando - negativamente - os discentes em sua vida, não apenas acadêmica, mas como seres individuais formadores de opinião.

**Palavras-chave:** Educação ; Literatura feminina; Cânone brasileiro ; Ensino Básico.

## ABSTRACT

Education in Elementary school has several problems, including the lack of female literature in Brazilian canon. It's presence is seen only in the first segment of elementary education, reinforcing the stereotype of women having relevance only in the maternal part of education. This research's purpose is to reveal how there is still a white, occidental, European, a masculine patronization that prevails in Brazilian education, especially in Middle and High school. This research raises questions on how it affects and will keep negatively affecting students in their academic life and as individual citizens and opinion makers.

**Keywords:** Education; Female literature; Brazilian canon; Elementary education.

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>Introdução .....</b>	<b>7</b>
<b>2.</b>	<b>Capítulo I .....</b>	<b>9</b>
	Como as vozes femininas foram abafadas desde a Belle Époque até os dias atuais	
<b>3.</b>	<b>Capítulo II .....</b>	<b>14</b>
	A literatura no ensino básico	
<b>4.</b>	<b>Capítulo III .....</b>	<b>21</b>
	Análise das lacunas no cânone brasileiro	
<b>5.</b>	<b>Conclusão .....</b>	<b>30</b>
<b>6.</b>	<b>Referências .....</b>	<b>32</b>

## INTRODUÇÃO

Discute-se muito a respeito das lacunas existentes no cânone brasileiro literário e suas possíveis consequências, porém raramente são vistas ações para que haja uma mudança efetiva na base do ensino. Os docentes atuantes em sala de aula pouco, ou nunca, são requisitados na seleção dos conteúdos literários que serão passados e estabelecidos como norteadores de ensino - a nível nacional - nas escolas. Dessa forma, há uma grande escassez literária, pois o cânone consiste em uma constante repetição de obras feitas por homens brancos e ocidentais, gerando um forte apagamento de diversas vozes na literatura do Ensino Básico, a se destacar as de autoria feminina.

As obras feitas por mulheres são de um número relevante e, inclusive, são bastante publicadas e vendidas, porém a problemática nasce no momento em que elas são basicamente restritas a somente um segmento, o maternal. A maioria dos livros de autoria feminina publicados no mercado são voltados para a educação infantil, e isso não seria uma questão se também houvesse o mesmo engajamento para tais publicações no segmento do ensino fundamental em diante, porém isso reforça como a mulher é vista como responsável somente pelo ensino materno e, mais do que isso, é resumida em ser apenas de capaz de produzir uma escrita simples e superficial. Quanto mais profunda e complexa a escrita - especialmente canônica e literária voltada para o ensino - se torna, menos autorias femininas são vistas e abordadas no Ensino Básico, mostrando-nos assim que a mulher ainda é subestimada e colocada intelectualmente em degraus abaixo do homem na sociedade.

Essa ausência da voz feminina no cânone literário brasileiro é ainda mais intensa quando se fala de autoras negras. A autoria feminina negra é a de menor visibilidade no mercado brasileiro e não por falta de obras e/ou publicações, pois por conta da resistência do povo negro em lutar pelo seu local de fala na sociedade, houve um aumento significativo na busca de literaturas de autoria afro brasileira recentemente, expandindo assim, o número de lançamentos desse nicho literário e, a despeito disso, não há adesão dessas obras no Ensino Básico. As poucas autoras contempladas pelo PNLD - Plano Nacional de Materiais e Livro Didático - que veremos mais afundo nos próximos capítulos, são ainda brancas e repetidamente as mesmas, não dando a chance de outras produções serem conhecidas e reconhecidas.

O efeito dessa insuficiência literária no Ensino Básico, especialmente no segundo segmento e ensino médio, é o prosseguimento do pensamento patriarcal, branco e ocidental nas próximas gerações, uma vez que predominantemente as escritas masculinas são as mais lidas e, logo, postas em um pedestal de intelectualidade muito maior do que as obras de autoria feminina - que permanecem sendo ligadas aos anos escolares iniciais - e então, são tidas como as de maior relevância, influenciando diretamente na percepção de mundo que esses discentes terão. Quanto menos representatividade feminina as instituições de ensino possuem - desde a autoria de obras até o número de professoras - menores são as chances desse olhar centrado no homem mudar, pois se as meninas desde o Ensino Básico não conseguem se ver representadas através de mulheres intelectuais postas em destaque, pouco provavelmente elas irão se sentir capazes de tomarem aquela posição, pois o homem é que sempre predomina esse local. Bell Hooks descreve bem como a representatividade feminina, e neste caso negra, é de extrema relevância para a mudança de perspectiva da vida dos alunos:

Quase todos os professores da escola Booker T. Washington eram mulheres negras. O compromisso delas era nutrir nosso intelecto para que pudéssemos nos tornar acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural - negros que usavam a “cabeça” Aprendemos desde cedo que a nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra-hegemônico. (HOOKS, Bell. Ensinando a Transgredir, São Paulo, 2013, p 10)

Dessa forma, podemos entender como a presença da literatura feminina no Ensino Básico - especialmente no ensino fundamental dois e médio - não é apenas para completar e “preencher lacuna” de representatividade no cânone brasileiro literário, mas para impactar positivamente a vida de futuros formadores de opinião que serão diretamente afetados pelo resultado que a visibilidade e presença de autorias femininas e autorias femininas negras trará.

## **Capítulo 1: Como as vozes femininas foram abafadas desde a Belle Époque até os dias atuais**

Para entender os aspectos da literatura no ensino básico brasileiro na história recente, é preciso, primeiramente, entender a história do ensino da literatura no Brasil – que começa ainda no ensino jesuíta, no século XVI. O objetivo da introdução do ensino literário no Brasil colonial estava ligado à eloquência para o aprendizado da língua padrão – o português. Após a expulsão dos jesuítas, no século XVIII, o ensino passou a ser responsabilidade do Estado, então os alunos, outrora formados a partir dos jesuítas, com foco em autores portugueses, passaram a aprender mais sobre autores nacionais. Já no século XIX, o panorama que tínhamos do ensino de Literatura no Brasil era um ensino voltado para os exames preparatórios, que eram provas que os alunos da escola secundária faziam para ingressar nas universidades e os textos escolhidos serviam para literatura e, também, para a gramática. Nesse momento, o cânone escolhido era sempre voltado para as vozes masculinas, brancas e ocidentais.

A partir das reflexões, podemos dialogar com Dias e Viana (2020), para entender que historicamente não há outros tipos de vozes, além das brancas, ocidentais e masculinas, nos ensinos básico e médio. E nesse momento, cabe salientar a existência e a importância de outras vozes que contam histórias a partir de outras perspectivas que são ignoradas até hoje em detrimento de um cânone literário tido como tradicional. Como salientam as autoras: "Em termos de educação literária [...] a escola permanece próxima à década de 1960 nos compêndios didáticos do ensino médio" (Dias e Viana, 2020, p.210).

Este estudo conclui que há maior presença de autoria feminina no primeiro segmento escolar, seja como professoras ou como autoras. Reforçando o estereótipo que o feminino está direta, ou indiretamente, ligado à maternidade e ao cuidado. As vozes de mulheres são silenciadas, ignoradas e diminuídas, ou rapidamente apresentadas, quando são. Ainda há um imaginário que as mulheres são as mantenedoras do lar e, como tal, "não devem intervir em outros assuntos", tendo, portanto, a sua importância diminuída. Além disso, é importante entender a dinâmica instalada aqui, pois as mulheres tiveram acesso tardio à leitura e ao mundo literário, visto que era acesso prioritário e exclusivo de homens. Então, podemos associar o desprestígio delas e da literatura infanto-juvenil enquanto lugar ocupado pelas mulheres que tiveram contato tardiamente com o mundo da leitura e, por conseguinte, o mundo literário.

Diante desse cenário, para melhor análise da presença da literatura feminina no ensino básico, é necessário apresentar alguns programas do governo que tratam do ensino nesse âmbito, seja na sua distribuição, como na sua avaliação e montagem. O Plano Nacional de Materiais e Livro Didático, doravante PNLD, é um programa do Ministério da Educação que avalia e distribui livros didáticos, pedagógicos e, após uma reconfiguração em 2017, passou a incluir livros literários também. Tal mudança ocorreu a partir da suspensão do Plano Nacional Biblioteca na Escola, que foi um plano criado em 1997 com o objetivo de promover o hábito da leitura e ampliação do acesso à informação e à cultura. Outro programa fundamental para entender o cenário do silenciamento da presença das mulheres na educação básica, é o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, doravante FNDE, que faz a aquisição e distribuição de obras para os alunos do ensino fundamental e médio do Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O PNLD/literário é o plano o qual vamos nos debruçar com maior detalhes, pois é ele que nos fornece dados para refletirmos sobre a presença de mulheres na educação básica. Os critérios de escolha e seleção de obras do programa são feitos por professores universitários, e não pelos docentes que estão em sala de aula vivenciando e entendendo a demanda dos alunos. Essa problemática engloba a deficiência no processo formativo em licenciatura das universidades, pois o docente dificilmente estuda as relações da literatura com o ensino, afastando-o assim de saberes que serão inseridos em sala de aula, como a seleção dos livros literários e tão pouco obras que abordam políticas públicas. Em decorrência disso, a sensação de desconforto e falta de autonomia é gerada nos docentes que estão ativamente em sala de aula, seja no fundamental I, II e/ou Ensino Médio, podendo afetar seu desenvolvimento como profissional educador. Tal ação não só prejudica uma ação efetiva na educação, como torna altamente artificial a escolha das obras a serem trabalhadas em sala de aula, considerando que os professores universitários muitas vezes reproduzem apenas o cânone brasileiro, não tendo como um fator relevante a relação da contemporaneidade e suas novas demandas. Acompanhando esse raciocínio, entende-se que não só a universidade, como também os cursos de formação de professores parecem não estar acompanhando as inovações presentes na produção de livros.

Uma pesquisa feita pelas autoras Dias e Viana (2020) mostrou um interessante panorama do PNLD/literário em relação à presença feminina na escolha dos livros.

Quadro 3 – Distribuição das obras pelo PNLD/  
Literário 2018

Obras	Total
Inscritas	1.116
Aprovadas	704
Reprovadas	312
Aprovadas para anos iniciais	334
Aprovadas para educação infantil	370
Autoria feminina dos anos iniciais	140

Fonte: elaboração das autoras, 2020.

De acordo com o quadro 3, nos anos iniciais, temos 334 obras aprovadas e dentre elas, as autoras observaram que a maior parte das ilustrações feitas nos livros eram de autoria feminina. Aqui cabe uma reflexão, a importância não dada para a literatura infantil se deve ao fato de termos a presença feminina marcada, seja nas ilustrações ou nos textos? Afinal, tivemos, com o passar dos anos, a conquista das mulheres de não só frequentar os locais de educação, consumir e produzir literatura, mas também de educar crianças fora de suas casas, sendo as responsáveis pelos primeiros contatos de crianças com a leitura.

Apesar de na contemporaneidade termos tido, pós-*boom* de produção, uma larga produção para crianças com mulheres bem presentes, isso não se reflete nas produções de romances, pois estes ainda são monopolizados por homens. Por isso, se faz necessário não só uma reflexão, mas ações para quebrar o estereótipo associado à mulher, pois temos produções de qualidade e que representam outras vozes não só na literatura infantil, mas na literatura de romances e outros gêneros.

Passando para a reflexão sobre quais são as autoras escolhidas que, de acordo com a BNCC unem a leitura e a cultura canônica, as autoras Dias e Viana (2020) trazem um quadro muito interessante:

Quadro 4 – Principais autoras das categorias 3, 4 e 5 do PNLD/Literário 2018

Autora	Obra	Quantidade
Ana Maria Machado	O menino que virou escritor Não se mata na mata lembranças de Rondon Quero abraço, o que eu faço? Passarinho me contou De noite no bosque De olho nas penas Histórias africanas História meio ao contrário	8
Lygia Bojunga	Angélica	1
Eva Furnari	Amarílis Druid Marilu Não confunda	4
Marina Colasanti	Cada bicho com seu capricho Doze reis e a moça no labirinto do vento A moça tecelã	3
Roseane Murray	Brinquedos e brincadeiras Duas casas Jardins Retratos	4
Silvia Orthof	Catarina e o lagarto A viagem de um barquinho Chora não!	3
Cecília Meireles	Ou isto ou aquilo	1
Cora Coralina	As cocadas	1
Anna Claudia Ramos	Carteiro tem nome? Hoje é amanhã?	2
Nye Ribeiro	De bem com a vida Lorotas e folocas Macaquice	3
Tatiana Belenky	Diversidade O caso do bolinho	2

Fonte: elaboração das autoras, 2020.

Este quadro é interessante porque mostra quais são as autoras que auxiliam na formação de leitores infantis e de professoras e também nos traz informação de quantas obras de cada autora foram escolhidas. De acordo com o quadro, Ana Maria Machado é a autora mais escolhida e ao analisar a carreira literária da mesma, percebemos que ela produz desde a década de 1970 e tem produções não só pedagógicas, mas textos de outros gêneros literários. Machado tem bagagem em relação à produção para crianças e, como se observa, tem autoridade e preferência na escolha para participar de projetos.

Aqui não cabe, e nem é intenção, discutir a qualidade da autora, pois tem escritos que realmente fazem valer o seu nome, no entanto, o questionamento permeia a partir do momento que observamos o mesmo caminho sendo feito há décadas. Isto é, o quadro de referências escolhido pelo PNLD/literário recai na obviedade, em autoras com qualidade e que possuem vasta produção, podendo ser um critério subentendido, e não procuram se atualizar em relação às novas produções de novas autoras que podem, também, ter uma contribuição imensa para a educação de jovens leitores. A escolha fica entre autoras que quando, como é o caso de Ana Maria Machado, ganham muitos prêmios, são bastantes prestigiadas, são colocadas em projetos dada a sua importância. De certa forma, vira uma "prova social" de que aquele programa/projeto é bom, pois

tem a autora que ganhou diversos prêmios e é falada não só no Brasil como no exterior. A crítica da falta de escolhas contemporâneas para o PNLD/literário não é só exclusiva da literatura infantil, pois ocorre o mesmo no Ensino Médio.

Porém, autoras Adriana Falcão e Ângela Lago são exemplos de que temos autoras de qualidade e que podem contribuir para a educação de jovens leitoras, mas que não o fazem, pois falta, ainda, um olhar mais aberto e atualizado do PNLD/literário que ainda insiste em escolher as mesmas autoras, reproduzindo uma espécie de cânone. Ora, temos 8 títulos da autora Ana Maria Machado escolhidos, de outras autoras temos, por volta, de 4 títulos. O questionamento que surge é: por que não escolher outros 4 títulos de outras autoras contemporâneas para diversificar e expandir o repertório não só do PNLD/literário, mas como o do jovem leitor?

Na lista apresentada no Quadro 4, ao olharmos com atenção, percebe-se que há autoras que foram contempladas com diversos prêmios, como é o caso de Eva Furnari e Marina Colasanti que têm, respectivas, 4 e 3 obras selecionadas. Eva é ilustradora e escritora, ganhou prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), sete Prêmios Jabuti, dentre outros prêmios. Marina Colasanti é tradutora de livros infantis e juvenis e muitas de suas obras têm personagens femininas como protagonistas, pois é uma autora que se preocupa com a discussão e traz à tona a condição feminina na literatura. Sobre isso, Silva (2007):

A questão da mulher sempre foi muito importante para mim. É difícil entender uma mulher que se queira intelectual, que trabalhe no campo das letras e que não faça reflexões sobre a sua própria condição no mundo. No entanto, isso existe. Mas, para mim, seria impossível. É o processo natural, se eu estou refletindo sobre o porquê das coisas, a primeira reflexão que se impõe é por que eu, nós, mulheres, somos cidadãs de segunda categoria, ou éramos, ou ainda somos?! (COLASANTI apud Dias e Viana apud SILVA, 2007, p. 33).

Na lista das obras escolhidas, como mostra o Quadro 4 das autoras, nos deparamos com um texto de Colasanti, A moça *tecelã*, que é um conto de sucesso, já publicado em diversos livros didáticos. Esse é um exemplo da redundância e uma visão curta da PNLD/literário que poderia ter contemplado outras obras da autora, que são muitas, como *Longe como o meu querer*, *Uma ideia toda azul*. Aqui parece permanecer a ideia de que os textos devem ser estáticos sempre, porém, há diversas possibilidades a serem apresentadas e exploradas com os novos textos da autora, como é o caso do livro *Longe como meu querer* que contempla 24 contos sobre o desejo e suas perspectivas.

Em algumas obras da lista também é possível observar que há um certo receio de lidar com temas mais complexos, ora por ser complexo por si só, ora por achar que crianças não conseguem lidar com tais temas. É o caso da presença de Lygia Bojunga que, apesar de ganhar o prêmio Hans Christian Andersen, o mais importante prêmio da literatura infanto-juvenil, considerado por alguns como um Nobel da Literatura, tem apenas um texto selecionado. O texto *Angélica* trata desses temas com o ar mais fabulesco tratando de forma indireta o tema, portanto não trazendo à tona de forma direta assuntos que ainda são tabus ou que seguem o padrão de infantilização da literatura infantil, retirando leituras mais complexas que seriam igualmente enriquecedoras.

Todas as pessoas envolvidas na educação, principalmente infanto-juvenil, não devem subestimar a capacidade de uma criança de entender diversos assuntos, não só porque atrapalha no crescimento intelectual e até mesmo físico, como impede que a criança tenha contato com assuntos que mais à frente precisarão ser lidos. A melhor forma de prepará-la é começá-la a inserir de forma guiada e lúdica para que ela entenda que, por exemplo, existirá a dor durante todo o processo de crescimento. Como bem ilustra Andruetto (2017):

No ato de ler, um livro se recolhe de sua condição de objeto que tem dono para se converter num ser vivo, capaz de nos interrogar, de nos perturbar e de nos ensinar a olhar zonas ainda não compreendidas de nós mesmos. Nessa diversidade de experiências, nessa multiplicidade de sentidos na qual os livros os submergem, está sua riqueza e a possibilidade de mergulho em nossas zonas indômitas. (Andruetto, 2017, p. 29 apud Dias e Viana, 2020, p. 221)

-  
Diante do que foi exposto, percebemos que algumas autoras presente nessa lista, lá estão porque produzem literatura infanto-juvenil, mas que têm uma carreira literária consolidada a partir de outras vertentes da literatura, como é o caso de Machado que produz literatura infanto-juvenil, mas também traduz textos e produz ensaios. Tal fato ajuda a entender a grande presença da autora, pois é muito prestigiada.

E se por um lado há a crítica que, novamente, não é sobre a qualidade ou o motivo de constar na lista, mas sim o fato de que é possível prestigiar e contemplar outras autoras igualmente talentosas, mas que ainda não têm o prestígio, ou melhor, não precisam do prestígio de outras vertentes da literatura, visto que a produção de literatura infanto-juvenil é de muitíssima qualidade. De certo, entendemos que se estamos aqui

discutindo tais premissas é porque antes disso vieram muitas mulheres que lutaram por esse espaço, pois até a década de 1970 poucas autoras, como Cecília Meireles e Rachel de Queiroz eram reconhecidas pela crítica acadêmica.

Por fim, percebemos que há a presença da literatura feminina no Ensino Básico, em especial no Ensino Fundamental I, e que há autoras que têm competência e dão subsídios efetivos para educadores começarem a introduzir a leitura na vida das crianças. Porém, ainda é necessário uma profunda reflexão, seguida de uma mudança em relação às escolhas, pois estas ainda estão com a visão viciada em "clássicos" e "renomes" e também conteúdo, ao invés de também prestar atenção na contemporaneidade que reserva diversas autoras e perspectivas diferentes que podem contribuir com o ensino e desenvolvimento das crianças.

## Capítulo 2: A literatura no ensino básico brasileiro

De acordo com pesquisa feita em 2019 pelo Instituto Pró Livro em parceria com o Itaú Cultural e o IBOPE Inteligência, intitulada “Retratos da Leitura no Brasil”, existem 100 milhões de leitores brasileiros, o que corresponde a 52% da população. Destes, 20% estão em idade escolar do ensino básico (entre 5 e 9 anos), perdendo apenas para pessoas na faixa etária dos 50-59 anos. Isso mostra que grande parte dos brasileiros têm contato com literatura na fase escolar. Essa pesquisa acaba revelando pautas da educação e do ensino, mas não é feita, de fato, por ninguém especializado, ou minimamente inserido, na educação. Questiona-se então como e por quê há tantos dados e estudos em relação à educação brasileira e poucos, ou nenhum, educador para dar o diagnóstico e a causa, desvalorizando ainda mais o docente que possui além da vivência, o conhecimento necessário para tratar do assunto.

Atentando para este acesso à literatura na fase escolar, exposto na pesquisa supracitada, o governo federal criou dois programas para incentivar e facilitar o acesso dos alunos da rede pública à leitura: o PNLD e o Programa Nacional Biblioteca na Escola, doravante PNBE. As autoras Viana e Dias (2020) no artigo “Literatura infantil em ação: as marcas da autoria feminina nas obras aprovadas pelo PNLD literário”, analisam essa questão do papel desses programas no acesso à leitura pelo brasileiro:

Por um lado, a filiação das obras literárias a um programa de livro didático pode ser encarada como forma de acesso à leitura para a turma inteira (no caso do PNBE), as bibliotecas escolares recebiam número de exemplares e uma mesma obra que não permitia o trabalho de uma mesma obra que não permitia o trabalho com o mesmo texto com todos os estudantes de uma mesma turma), visto que a ideia do programa é que o aluno tenha no mínimo dois livros por ano; acrescenta-se que, na maioria dos contextos educacionais, a leitura literária da escola é a única a que o leitor terá acesso. (VIANA e DIAS, 2020).

De acordo com o excerto, apesar da existência do programa PNBE, ainda há algumas questões que devem ser observadas, como é o fato de que o leitor só tem acesso à literatura dentro da sala de aula e de forma restrita, já que a quantidade de livros e de títulos são limitadas. Isto implica em uma experiência de literatura incompleta, visto que o aluno não lerá fora da escola, pois não houve um incentivo, nem por parte da instituição - dentro da sua escassez de livros - e nem por parte dos responsáveis, que na maioria das vezes também teve pouco ou nenhum contato literário, durante a vida escolar. Além disso, o acesso à literatura ocorre a partir do cânone

literário, já mencionado no capítulo 1, que é, em sua maioria, formado por vozes brancas, masculinas e ocidentais.

Se por um lado o cânone literário ajuda a entender como era a sociedade naquela época e, por conseguinte, entender alguns aspectos políticos e sociais, por outro pode gerar desinteresse ao aluno, visto que não tem nenhuma representação da sua realidade e de si próprio. Portanto, é necessário uma mudança para que sejam inseridos livros que retratem outras realidades e outros momentos históricos atuais, afinal um diálogo entre épocas diferentes serviria de benefício para entender a realidade vigente.

O cânone literário sendo formado, em sua maioria, por vozes brancas, ocidentais e masculinas prejudica o conhecimento de outras vozes, de outras realidades e que podem representar a realidade de jovens leitores. A presença feminina, por exemplo, é muito maior na literatura juvenil, reforçando, mais uma vez, a ideia de mulher com traços maternos, educadora, com uma leitura menos complexa, como observamos no capítulo 1, enquanto nos anos finais do fundamental II e Ensino Médio, que há a presença de uma literatura mais densa e complexa, a maioria dos livros são de autoria masculina.

A partir do contexto histórico de criação do PNLD e do PNBE, serão analisados arquivos de três anos distintos dos livros literários apontados pelo PLND para o ensino fundamental e médio e a análise da presença da literatura feminina no Ensino Básico.

## 2.1 O Programa Nacional do Livro Didático

O PNBE, criado em 1997, fez parte de uma iniciativa governamental que visava a formação de novos leitores nas escolas e a reestruturação das bibliotecas escolares. O programa teve como objetivo fornecer a acessibilidade à cultura e incentivar à leitura nos alunos e professores com o auxílio da distribuição de acervos contendo obras de literatura, de pesquisa e de referência. Posteriormente, em 2017, o PNBE foi reformulado e inserido no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), passando a se chamar Programa Nacional do Livro e do Material Didático.

O PNLD foi criado no ano de 1937, sendo essa intitulada por Comissão Nacional do Livro Didático e, posteriormente, alterada por outras nomenclaturas até chegar ao que chamamos de hoje de PNLD, com a finalidade de distribuição de obras didáticas para alunos da rede pública de ensino, trazendo assim, acesso aos discentes a um material mais uniforme e padronizado.

Porém, embora o Plano tenha partido da ideia de beneficiar os alunos, para os professores não foi tão favorável assim pois, por conta da consolidação da legislação das condições de produção, importação e utilização do livro didático - Decreto-Lei nº 8.460, 26/12/45 - os docentes passaram a ter mais limitação no seu conteúdo programático, porque estavam restritos às obras do material didático disponibilizado pelo governo e não tinham nenhuma participação ativa na escolha dos mesmos. Ademais, mesmo com o decreto de circulação do livro didático ter sido instituído em 1938, somente em 1966 que, de fato, as obras começaram a ser distribuídas gratuitamente para os alunos e ainda assim foram disponibilizados apenas 51 milhões de exemplares em 3 anos (FNDE, 2017), não cobrindo grande parte das escolas e dos estudantes. Sendo assim, apenas em 1983 houve um grande avanço na PNLD, propondo a inclusão dos docentes nas escolhas dos livros didáticos e ampliando as séries do ensino fundamental a serem favorecidas pelo Plano.

A partir da década de 90 em diante concretizou-se, de fato, a implementação criteriosa do material didático, a partir da presença dos professores e também da reutilização dos livros, melhorando as técnicas de produção, para sua maior durabilidade, abolindo o descarte frequente dos mesmos.

Após a suspensão do Plano da Biblioteca Nacional e ainda com a intenção de trazer melhorias no Ensino Básico, houve uma reconfiguração do Plano Nacional do Livro Didático, no ano de 2017, pelo Decreto nº 9.099, inserindo a compra de livros literários para o ensino fundamental, ensino médio e também para o EJA (ensino de jovens e adultos) - inseridos posteriormente à criação do PNLD. Com esse novo escopo, a intenção foi fazer a literatura se tornar mais presente na sala de aula, saindo da esfera exclusiva do livro didático, conforme prevê a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Tendo em vista que a maioria dos brasileiros tem acesso à livros literários somente na fase escolar durante toda a sua vida, é de grande importância a continuidade do PNBE, embora que em modelo diferente através do PNLD, para fins pedagógicos e educacionais no Ensino Básico.

## 2.2 Análise do PNLD nos anos de 2009, 2013 e 2018

Anualmente o governo federal disponibiliza, através do MEC, a listagem dos livros didáticos e literários destinados como material para as escolas públicas, conforme decreto de número 9.099/2017:

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. (Brasil, 2017).

Através desta listagem, serão analisadas as obras literárias designadas para o Ensino Fundamental e Ensino Médio no PNLD da rede pública em três anos distintos: 2009, 2013 e 2018. A escolha dos seguintes anos ocorreu para contemplar os três seguintes governos: Luiz Inácio Lula da Silva, em 2009, Dilma Rousseff, em 2013 e Jair Bolsonaro, em 2018. A finalidade dessa análise é entender a participação da literatura feminina nos anos de formação do ensino básico brasileiro e a evolução dentro desse período delimitado.

No ano de 2009, o PNLD indicou um total de 300 livros literários para o ensino fundamental e 300 livros para o ensino médio. Destes, 29% eram de autoria feminina para o ensino fundamental e 24% para o ensino médio, como pode ser observado na tabela abaixo:

Tabela 01 - Presença feminina nos livros do ensino básico em 2009:

	Total de livros	Total de autoria feminina	Total de autoria masculina	Total de autoria mista	% de autoria feminina
Ensino Fundamental	300	88	201	11	<b>29%</b>
Ensino Médio	300	72	218	10	<b>24%</b>

No ano de 2013, o PNLD indicou 180 livros literários para o ensino fundamental e 180 para o ensino médio. A partir da tabela abaixo, pode-se notar que 31% dos livros indicados para o ensino fundamental livros são de autoria feminina e apenas 19% dos livros para o ensino médio são de autoria feminina – bem abaixo do indicado no ano de 2009, vide tabela 01.

Tabela 02 - Presença feminina nos livros do ensino básico em 2013

	Total de livros	Total de autoria feminina	Total de autoria masculina	Total de autoria mista	% de autoria feminina
--	-----------------	---------------------------	----------------------------	------------------------	-----------------------

Ensino Fundamental	180	55	122	3	<b>31%</b>
Ensino Médio	180	34	136	10	<b>19%</b>

O PNLD do ano de 2018 indicou um total de 400 livros para o ensino fundamental e 190 para o ensino médio. Neste ano, o total de livros de autoria feminina indicados para o ensino fundamental foi de 50%. Em contrapartida, os livros de autoria feminina indicados para o ensino médio representaram apenas 26% do total, conforme descrito na tabela abaixo.

Tabela 03 - Presença feminina nos livros do ensino básico em 2018

	Total de livros	Total de autoria feminina	Total de autoria masculina	Total de autoria mista	% de autoria feminina
Ensino Fundamental	400	199	187	14	<b>50%</b>
Ensino Médio	190	50	134	6	<b>26%</b>

Nos três anos analisados, nota-se a tendência para um número superior de livros de autoria feminina para o ensino fundamental e uma tendência oposta no ensino médio, tendo uma representação feminina muito menor para essa faixa acadêmica. A pouca representatividade feminina nos últimos anos do ensino básico, reforça a ideia patriarcal do feminino ligado ao cuidado infantil – e isso se reflete na maior representatividade feminina no ensino fundamental, seja nas ilustrações dos livros quanto na sua autoria.

Um fato curioso dos fatos expostos é que nos três dados é possível observar que a presença feminina na literatura do Ensino Médio nunca foi prioridade, porém no governo de Jair Bolsonaro tivemos um número superior, 26%, em relação aos outros anos analisados, 24% e 19%, respectivamente. Porém, o governo de Jair Bolsonaro é um governo extremamente misógino e machista, vide as inúmeras declarações feitas em live e em entrevistas para jornais. Então, a cultura machista e misógina foi reforçada, apesar dos números estarem relativamente melhores. Vale ressaltar também que essa “alta” ocorreu em detrimento de um processo de debate público que vem sendo tratado muito antes de seu governo. Para um presidente que disse que a sua filha mulher foi uma "fraquejada", esses números não condizem com o seu governo, pois reflete ainda a sociedade em que vivemos.

Outro ponto a ser observado é que no governo da presidenta Dilma Rousseff, uma figura feminina, tivemos o menor percentual das três análises, apenas 19% de representatividade feminina na literatura do Ensino Médio. Então, os presidentiáveis, como sempre prometem, precisam cumprir e investir na educação tornando-a acessível para todos e, sobretudo, representativa para todos, já que o cânone literário brasileiro representa apenas uma parcela mínima da sociedade a qual sempre foi parte da elite brasileira.

Ou seja, temos um déficit na representação feminina no Ensino Médio em todos os anos apresentados, o que parece ser um problema crônico na seleção de títulos, em que há a preferência por vozes masculinas. No artigo já citado de Viana e Dias (2020), há a análise dessa questão:

Se a alfabetização e a leitura das mulheres foram tardias, o que as colocou historicamente como uma espécie de retardatárias no movimento de escrita literária, como explica a expressiva presença de autoras em publicações direcionadas ao público infantil? Essa relação entre escrita de mulheres e literatura infantil remete ao espaço ocupado pelo feminino na educação das crianças e, por consequência, na formação de leitores. (VIANA e DIAS, 2020).

Nesse caso, então, temos leitores que no Ensino Médio têm pouco ou nenhum contato com a literatura contemporânea e, por conseguinte, conhecem os autores do cânone literário - centro no masculino branco - que, de fato, são importantes, mas que já não trazem identificação com os leitores. Para além disso, aqui jaz o problema da não presença da literatura feminina no Ensino Médio que não se faz presente por falta de contribuição, pois temos uma vasta produção feminina, com diversas vivências e experiências atuais que podem contribuir não só para o conhecimento de mundo do leitor, mas para a sua identificação pessoal e social.

Porém, é importante lembrarmos que ainda estamos situados em uma sociedade extremamente machista e elitista, isso significa que há um favorecimento de presença masculinas em todos os ambientes e, na literatura, não seria diferente. No Ensino Médio, principalmente, em que os leitores estão mais maduros e mais conscientes de suas leituras, a presença predominantemente masculina reforça não só o estereótipo da mulher como educadora infantil, mas a ideia de que não há representatividade dessas vozes em uma literatura mais madura e contemporânea. Há uma necessidade urgente de presença de literatura feminina no Ensino Básico no que diz respeito ao Ensino Médio, principalmente, para que as jovens leitoras se sintam representadas e tenham conhecimento de que suas vivências podem estar presentes na literatura, por exemplo.

Afinal, temos outros jovens que também estão produzindo literatura sobre o momento atual, com novas vivências, perspectivas e com muito conteúdo social e político que pode não só tornar a leitura mais prazerosa, pois o jovem leitor irá se identificar mais rápido, como pode gerar discussões importantes entre os jovens leitores promovendo debate e mais leituras sobre o tema. O jovem leitor que entra em contato com uma literatura que o represente, entende que o seu lugar não é o lugar marginalizado e sem vivência, mas que há inúmeras formas de se contar uma mesma história e que a dele também merece e precisa ser ouvida. Sendo assim, pode se tornar um escritor da sua própria realidade, por exemplo, ou um entusiasta da literatura.

### Capítulo 3: Análise das lacunas no cânone brasileiro

Dando continuidade à análise das lacunas no cânone brasileiro, ao adentrarmos no campo da poesia, podemos observar que há dois temas latentes que precisam ser discutidos. O primeiro deles, já discutido nos capítulos acima, é o fato da presença da literatura feminina ser menosprezada e diminuída, tanto na poesia quanto na prosa. O segundo ponto, objeto de estudo deste capítulo, é o fato de que a poesia afro-feminina é ainda mais menosprezada e diminuída, a ponto de sua presença ser aparentemente inexistente na literatura brasileira contemporânea. Tais ações são resultado de uma ação bem elaborada e concisa do racismo estrutural e interseccional que faz com que autoras como Conceição Evaristo, Tatiana Nascimento e Lívia Natália - estudadas por Heleine Fernandes de Souza, em sua tese de doutorado - sejam reconhecidas em pequenos círculos, não pela qualidade da sua obra, mas por não serem vistas pela literatura brasileira contemporânea que insiste, ainda, em um elitismo branco.

Como bem observa Frantz Fanon em seu livro *Pele negra, máscara brancas*, há um embranquecimento da mulher negra e do homem negro colonizado e a visão desses dois gêneros é embaçada pela visões de mundo europeizadas que foram impostas a partir da colonização. A partir disso, com o passar do tempo, foi-se recuperando o elo enfraquecido ou perdido com a ancestralidade e as mais diversas manifestações de arte negra surgiram. A prosa e a poesia, objeto de estudo deste capítulo, foram uma dessas. Através da poesia autores negros foram contra a ideia de hegemonia e de miscigenação, mostrando o lado perverso e destruidor da colonização.

A poesia, principalmente, de mulheres negras ocupa um lugar de pouca legitimação pois, como bem observa Souza (2019) em sua tese:

"[...] já que nos meios de transmissão e divulgação do saber (instituições educacionais, meio editorial, eventos e prêmios literários), a existência da poesia das mulheres negras, do passado e do presente, é muito pouco reconhecida, parecendo, por vezes, não existir" (Souza, p. 21)

Um exemplo dessa deslegitimação e pouco reconhecimento, foi o fato de que, somente aos 70 anos de idade, a grande autora Conceição Evaristo foi reconhecida. A autora foi reconhecida após uma professora da Faculdade de Educação publicar uma carta aberta denunciando a falta de escritoras negras para participar de um evento que homenageava a autora Ana Cristina Cesar. Sua obra já havia sido traduzida para diversas línguas, mas foi somente no ano de 2015 que um prêmio literário a reconheceu,

no entanto os seus livros só apareceram na prateleira de livrarias em meados de 2017. Um acontecimento como esse não se repete com outros autores que têm seus livros exibidos em prateleiras de destaque e divulgação por editoras grandes, afinal, quem der lucro, aparecerá, e sabemos, como disse Elza Soares: "A carne mais barata do mercado é a carne negra".

Ao refletirmos sobre quais as possíveis causas dessa exclusão e deslegitimação, podemos começar pela própria exclusão da sociedade. Primeiro, são mulheres, e como sabemos a sociedade é machista, por isso, já existe esta exclusão. São negras, a raça negra ainda é vista como inferior e, como tal, não deve estar em lugares de prestígio. Afinal, as mulheres brancas têm um prestígio maior do que as mulheres negras, basta observarmos os gráficos salariais, por exemplo, em que as mulheres brancas ganham mais do que as mulheres negras e ocupam espaços de maior prestígio social do que as negras. Por fim, a classe social. Esses três atributos juntos nos dão um panorama geral de como a exclusão de mulheres negras do mundo da poesia foi feita.

Pessoas negras, sobretudo, mulheres negras têm suas trajetórias traçadas por outras pessoas, são sexualizadas e colocadas em lugares os quais "deveriam" ocupar, pois são lidas como inferiores. Ainda há as pessoas negras que pertencem à comunidade LGBTQIA+ que sofrem todas as exclusões acima e são alvo de preconceito por não seguirem o padrão heteronormativo imposto. Todo esse aparato de exclusão, com ênfase na ausência da poesia afro-feminina no ensino brasileiro, faz parte de um projeto normatizador da supremacia branca e perpetuação da lógica colonial.

Na literatura brasileira sabemos que os autores negros estão pouquíssimos representados, ao falarmos da representatividade da mulher negra, o cenário se torna ainda mais escasso, vide o exemplo do livro *Presença da Literatura Brasileira* do autor Antônio Candido e José Aderaldo Castello que só possui 6 autores negros em 3 volumes de obra. Não obstante, todos os autores são homens. Ou seja, onde está a presença da literatura negra feminina? Ela existe, é muito bem representada, mas falta-lhe espaço.

Autoras negras como Livia Maria, autora do ensaio "Poéticas da diferença: a representação de si na lírica afro-feminina" que traz a reflexão sobre como a Teoria da Literatura traz uma visão engessada, incapaz de aceitar o recorte da diferença, passando a ilusão de estudo da totalidade. A literatura é, por si só, um espaço onde as mais diversas vozes dão sentido e importância às suas vivências e a literatura afro-brasileira é uma delas, ainda que frequentemente diminuída e apagada.

Conceição Evaristo, como já mencionada, é uma autora negra, poeta e crítica literária que em seus ensaios traz a perspectiva de contestação desses estereótipos, muitas vezes tidos como um lugar-comum, do imaginário branco. A literatura negra vem nesse encontro de desmistificar, tirar a película dos olhos para entender que há outras representações e outros tipos de discursos literários, inclusive aqueles que melhor representam a mulher negra na literatura. Conceição Evaristo tem um papel importante na crítica da hipersexualização da personagem negra, como vemos em *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) de Jorge Amado. A pensadora bell hooks traz uma importante reflexão a respeito da dificuldade do exercício de intelectualidade das mulheres negras, pois estas são constantemente colocadas em lugares como mãe preta, doméstica e mulata sensual. Portanto, a literatura afro-brasileira, negra-brasileira, tem o objetivo de fazer esse processo de retirar o véu da tradição, desfazer o estereótipo construído pela literatura canônica.

Na contemporaneidade, temos diversas antologias, como a *Antologia de Poesia Afro-Brasileira*, de Zilá Bernd, a *Axé*, organizada por Paulo Colina, são antologias de poetas negros, mas que reúnem poucas mulheres. Os espaços, ainda que representativos de raça, são excludentes em gêneros e as mulheres negras, mais uma vez, tem que travar uma batalha mais intensa para conseguir o seu espaço na literatura afro-brasileira contemporânea. Ou seja, urge a necessidade da criação de um espaço na literatura afro-brasileira de autoria feminina não só para existir o acesso, mas para a própria discussão sobre essa literatura e a sua ausência/presença no ensino básico brasileiro.

Lívia Natália discorre sobre a literatura afro-feminina como um objeto de rasura, isto é, que serve como um objeto de transformação na Teoria da Literatura. Contribuindo com isso, Conceição Evaristo:

“Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação”  
(EVARISTO, 2007, p 21 apud Souza, 2019, p 66)

A escrita da mulher negra representa um grito em um espaço, até então, silencioso, pois, como mencionado acima, as mulheres negras desde que nascem têm seus destinos traçados por outras pessoas, com estereótipos, hipersexualização e desprezo pela sociedade patriarcal e branca. A literatura surge, nesse sentido, como um

grito libertador e, também, como uma resposta àqueles que acham que podem perpetuar esse tipo de comportamento e pensamento na atualidade.

Conceição Evaristo e Tatiana Nascimento são duas autoras negras que têm importantes participações na Academia discutindo o cânone excludente na literatura e, conseqüentemente, a valorização da produção afro-brasileira. Ocupar esse espaço é importante, pois, como vimos no primeiro capítulo, os acadêmicos participam desse processo de escolha das obras a serem estudadas no Ensino Básico, ou seja, se a discussão começar na Academia, é possível existir uma transformação e, em seguida, ser refletida na escolha de obras que abarquem mais a realidade brasileira como um todo e, principalmente, dos alunos.

As autoras, em suas obras, reescrevem a memória, antes escrita através do eurocentrismo, como uma forma de construção simbólica e política que traz à tona as subjetividades e histórias até então silenciadas. No poema *Esquecimento* de Livia Natália, dedicado à sua mãe, podemos observar que fala sobre a dor que é sentida e é engolida:

#### ESQUECIMENTOS

*Para minha Mãe*

Se doer mais um pouco,  
de minha boca sairão pedras  
e tochas acesas devorarão minha carne.

Se doer só mais um pouco,  
as palavras brotarão de meus poros  
e minha boca se demorará em silêncios.

Se doer ainda mais,  
nascerá um sangue bruto entre meus dentes

e meu útero perderá seus segredos de vazio.

(NATÁLIA, Livia. *Água Negra e Outras Águas*,  
2016)

Com esse trabalho de resgate e discussão sobre as vivências afro-brasileiras há a luta contra o apagamento de memórias e subjetividades, como menciona Achille Mbembe:

“A violência colonial era, por fim, uma violência ‘fenomênica’. Nesse sentido, afetava tanto os domínios sensoriais quanto os domínios psíquico e afetivo. (...) Atingindo o tempo, um dos principais enquadramentos mentais de qualquer subjetividade, fazia com que os

colonizados corressem o risco de perder o recurso a quaisquer vestígios mnemônicos, justamente aqueles que permitiam ‘fazer da perda algo além de um abismo hemorrágico’. Uma das suas funções era não somente esvaziar o passado do colonizado de qualquer substância, mas, pior ainda, precluir seu futuro. (...) Sua psiquê não era poupada, já que a violência visava nada mais nada menos que a sua descerebração”. (MBEMBE, 2018: 285 apud Souza, 2019, p 79 )

Esse apagamento se reflete nas lacunas do cânone brasileiro, que são muitas, visto que, como foi observado, ainda estamos sob a égide do patriarcado e da elite branca, ou seja, a literatura afro-brasileira, assim como autores e, principalmente, as autoras negras serão, sempre que possível, silenciados e ausentados de participação na literatura, assim como aconteceu durante toda a história do Brasil. A participação e a ocupação, como vimos, é um ato descolonizador que parte da Academia e se estende por toda a Educação Básica, visto que, uma criança e um adolescente ao ter contato com uma literatura representativa, entende o seu lugar no mundo, a sua importância e como a sua raça também está presente em todos os espaços.

A história do povo negro está, intrinsecamente, ligada à diáspora africana, que está pouquíssimo registrada na História oficial do Brasil, mas que é rememorada e mantida através das raízes que os afro-brasileiros mantêm entre si. No poema de Livia Natália *As mãos de minha mãe*, percebemos que a figura da mãe negra é a que refaz a si e serve de referência para sua filha:

#### **As mãos de minha mãe**

As mãos de minha mãe são imensas  
e seguram seu corpo minúsculo  
como as chagas de cristo lhes sustentam  
a santidade.

Nos dedos vincados de veias grossas,  
na curva que se enruga no mais preto das dobras  
as mãos de minha mãe perfazem os caminhos de  
meu mundo.

(Se os búzios cantam nas palmas singradas de rotas negras  
é para predizer maresias e ondas dolentes em meu caminho.)

As mãos de minha mãe, cada vez mais idosas,  
guardam, em suas linhas, o segredo de nosso destino,  
elas se cruzam no ventre da espera,  
e gestam frutos de um futuro

sempre feliz, sempre feminino.

(NATÁLIA, 2015: 21)

O poema, repleto de referências à maternidade e à cultura africana, é o exemplo da reconstrução da figura da mulher negra: "As mãos de minha mãe, / cada vez mais idosas, / guardam, em suas linhas, o segredo de nosso destino". A figura materna da mulher negra é desconstruída em cada estrofe, aqui a mãe negra é protagonista do seu próprio destino, da sua própria comunidade e também representante da resistência ao eurocentrismo e à opressão colonial.

Há, ainda, outros poemas que falam o padrão branco-europeu que fazem mulheres negras quererem mudar seus traços faciais com maquiagens ou cirurgias, alisarem seus cabelos e quererem mudanças para alcançar este padrão tido como único. A poesia tem, também, esse objetivo de resistência e tais poesias que compõem a poesia afro-brasileira são o maior exemplo de representatividade que deveria estar presente no Ensino Básico como uma forma de reconhecimento da produção literária afro-brasileira, mas, sobretudo, como uma forma de reconhecimento.

Hoje em dia, é possível encontrar diversas publicações de autoria negra e afro-brasileira no mercado, porém deve-se analisar alguns fatores que culminaram nesse aumento de visibilidade de publicações literárias afro-brasileiras. A resistência negra e a autoafirmação pela sua cultura fez que aumentasse exponencialmente a busca dos leitores em autorias afrodescendentes, dessa forma o mercado enxergou esse nicho como lucrativo, conseqüentemente expandindo também as publicações deste grupo. Isto afirma como a importância da literatura negra não é vista como uma voz de resistência e de relevância social, especialmente no âmbito escolar, mas sim como um objeto lucrativo que reforça como a exploração branca ocidental para com os afrodescendentes não se findou.

Isso também é refletido no cânone brasileiro, que procura preencher lacunas literárias com uma "cota" de autores negros, que em sua maioria não explora a diversidade existente nessa esfera e menos ainda a participação da mulher negra como escritora. A preocupação mediante a esse cenário, especialmente abarcando a deficiência da autoria negra no Ensino Básico, é compreender que estamos formando alunos com perspectivas literárias e sociais a partir de um único ponto de vista, o eurocêntrico, o branco e o patriarcal; nós, como educadores, temos o dever de apresentar as mais diversas perspectivas para que os alunos criem senso crítico, tenham

conhecimento de mundo das suas vivências e não se espelhem em uma realidade que não é a deles.

Se uma pessoa não provinha de um grupo social privilegiado, poderia progredir se adotasse uma conduta semelhante à de tal grupo. Os alunos ainda precisam assimilar os valores burgueses para ser considerados aceitáveis.

Os valores burgueses na sala de aula erguem uma barreira que bloqueia a possibilidade de confrontação e conflito e afasta a dissensão. (HOOKS, Bell. Ensinando a Transgredir, São Paulo, 2013, p 237 )

## CONCLUSÃO

Pode-se então compreender que a discussão sobre a presença da literatura feminina no Ensino Básico não é um fim em si mesma, pelo contrário, necessita de atenção e espaço para discussão, pois envolve outros campos da sociedade os quais são muito importantes. A visibilidade, a voz e, principalmente, a propagação de conteúdos feito por mulheres é norteador para a evolução da sociedade como um todo.

Ressalta-se também que para além das publicações e visibilidades das obras de autoria feminina, busca-se entranhar em diversas esferas da sociedade a sua relevância social e individual. Para além do cânone literário brasileiro, é preciso conscientizar e politizar o ato de resistência e existência de autoras femininas e seu impacto. Isso é ainda mais necessário quando falamos da autoria negra, que ainda é a menos abordada no Ensino Básico. Temos que questionar como a literatura feminina, especialmente a afro-brasileira, é alvo do capitalismo que apenas quer explorar o nicho que busca, através da leitura, achar seu espaço de resistência e representatividade, e continua sendo apenas visto como um objeto de lucro para o mercado. A influência da visibilidade das autoras femininas negras deve estar além de lucros, pois o papel social que ela desempenha é significativamente relevante, especialmente quando essa função é estudada e aprofundada nas escolas. Bell Hooks ressalta como o olhar supremacista, patriarcal e branco reforça a exploração capitalista para com autoras negras, no seguinte trecho:

Certamente do ponto de vista do patriarcado supremacista branco capitalista, a esperança é que os desejos pelo “primitivo” ou fantasias sobre o Outro possam ser exploradas de modo contínuo, e que tal exploração ocorra de uma maneira que reforce e mantenha o status quo. (HOOKS, Bell. Olhares Negros, São Paulo, 2019, p 58)

Não devemos continuar lidando com uma ausência tão significativa como algo normal, pois ela vem afetando, há décadas, diversas esferas sociais e individuais no nosso país - embora esse apagamento feminino não seja exclusivamente regional. Causando, dessa forma, severas consequências que podem ser sentidas a curto prazo e outras que apenas futuramente poderão causar muitos danos - vide nossa atual situação política e a alarmante permanência da mesma.

É importante também ressaltar que a necessidade da presença da mulher na literatura, principalmente no âmbito do Ensino Básico, não possui apenas a finalidade

de representatividade e espaço para voz - embora esse quesito seja de extrema importância para a perpetuação das mesmas - mas, da mesma forma, é um símbolo de resistência e luta. Somos contemporâneos de uma época em que a mulher não tinha direito nem ao estudo, era taxada como incapaz e útil apenas para afazeres domésticos e através de muita oposição e determinação fomos capazes de alcançar novos patamares e traçar novas trajetórias.

Dessa forma, devemos enfatizar como a presença da literatura feminina em número significativo - não apenas com obras repetitivas de autoras já em destaque e muito menos sendo relevante apenas no primeiro segmento do ensino - deve ser implementada o quanto antes no cânone literário brasileiro e, através dela, trazer novas abordagens e aprofundamentos nas instituições, deixando para trás a visão masculina, branca e ocidental que é continuamente evidenciada durante todas essas décadas. O Ensino Básico precisa de novos olhares e os discentes necessitam obter outras perspectivas de mundo, para assim, serem os atuais e futuros formadores de opiniões, conscientes e inteirados das diversas realidades de mundo existentes. Essa percepção que da presença do outro é necessária no processo de aprendizagem é reforçada por Hooks:

Mas o entusiasmo pelas ideias não é suficiente para criar um processo de aprendizado empolgante. Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros. (HOOKS, Bell. *Ensinando a Transgredir*, São Paulo, 2013, p 17)

## REFERÊNCIAS

Souza, Heleine Fernandes de. Poesia afro-feminina e resistência ao epistemicídio através das poéticas de Conceição Evaristo, Livia Natália e Tatiana Nascimento/ Heleine Fernandes de Souza. – Rio de Janeiro: UFRJ/CLA, 2019.

Conheça a história do ensino de literatura no Brasil. **e-docente**, 2019. Disponível em: <https://www.edocente.com.br/blog/educacao/historia-ensino-de-literatura-no-brasil/>.

Acesso em: 28 de março de 2022

Retratos da leitura no Brasil: por que estamos perdendo leitores. **Cenpec**, 2020. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/tematicas/retratos-da-leitura-no-brasil-por-que-estamos-perdendo-leitores#:~:text=No%20Brasil%2C%20existem%20cerca%20de,setembro%2C%20com%20dados%20de%202019>. Acesso em: 28 de março de 2022.

CANDIDO, Antônio. **Direito à Literatura**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193. Acesso em: 28 de março de 2022

BRASIL, Ministério da Educação. **PNLD**. Brasília, 2021. Acesso em: 29 de março de 2022.

Instituto Pró-Livro (IPL), Itaú Cultural e Ibope Inteligência. **Retratos da leitura no Brasil**. 5. ed. ———, 2019. Disponível em: [https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a\\_edicao\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_IPL-compactado.pdf](https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf). Acesso: 29 de março de 2022

XI SEMINÁRIO DE EXTENSÃO E INOVAÇÃO, XXVI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLOGIA, 11, 26, 2021, Guarapuava. [...] Guarapuava: PNBE e PNLD: A importância da literatura. Acesso: 29 de março de 2022.

DIAS, Ana Crelia Penha. VIANA, Camila Rodrigues. Literatura infantil em ação: as marcas da autoria feminina nas obras aprovadas pelo PNLD/Literário. **Desenredo**, Rio Grande do Sul, v 16, n 2, p 208-224, 2020. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/10879>. Acesso em: 28 de março de 2022.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: Confrontação da classe social em sala de aula. São Paulo, 2013.

HOOKS, Bell. Olhares negros raça e representação: Comendo o outro: desejo e resistência. São Paulo, 2019.